



AS INVERSÕES E OS INVERTIDOS: PARA QUE TUDO NÃO SE ACABE NA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

INVERSIONS AND INVERSIONS: SO THAT EVERYTHING DOES NOT END ON ASH WEDNESDAY

Marcus Paulo de OLIVEIRA¹

Jardel Augusto Dutra da Silva LEMOS²

¹ Mestrando em Design pela Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA-UFRJ) E-mail: marcuseoliver@gmail.com

² Doutorando em Educação - PPGE/UFRJ. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação/ UERJ. Especialista em Saberes e Práticas na Educação Básica - Ênfase em Ensino Contemporâneo de Arte - CAP/UFRJ. Bacharel em Dança/UFRJ e Licenciado em Geografia/UERJ. E-mail: jardelaugusto@hotmail.com



RESUMO:

Esta pesquisa amplia o debate sobre a história de luta das travestis por aceitação no imperialismo hétero e conquista de espaços na trajetória dos festejos carnavalescos do Rio de Janeiro da década de XX até os dias atuais. Nesse sentido, esse artigo busca mostrar que a história das travestis no meio carnavalesco se entrelaça com a história dos pobres, imigrantes e negros que brincavam nas ruas da cidade carioca, renegados pela elite. Os renegados se utilizaram das características permissivas de inversões das leis vigentes do período, construindo seus mundos justos e perfeitos, para fazer com que tais inversões fossem convencionadas após a quarta-feira de cinzas. É nessa ambiência que nasce o travestismo profissional, que com o tempo se organizaram ao ponto de participarem entre si de concursos competitivos e shows. Para tecer estes acontecimentos, contamos com contribuições de literaturas que versam sobre o teor deste ensaio, além de, James Naylor Grenn (2000), os aportes de Bakhtin (1987), Brígida (2010), Dutra (2014), Ferreira (2005), Louro (2001) e Preciado (2011), entre outros foram de suma importância. Dessa forma, essa investigação se justifica tendo em vista que buscamos evidenciar uma temática que ainda se encontra caminhando de forma tímida no universo acadêmico, uma vez que a discussão acerca da mesma é urgente para uma sociedade igualitária.

PALAVRAS-CHAVE

Travestis; Carnaval; Bailes; Fantasias; Rio de Janeiro





ABSTRACT:

This research expands the debate on the history of the transvestites' struggle for acceptance in straight imperialism and conquest of spaces in the trajectory of Rio de Janeiro's carnival celebrations from the twenties to the present day. In this sense, this article seeks to show that the history of transvestites in the carnival environment is intertwined with the history of the poor, immigrants and blacks who played in the streets of the city, reneged by the elite. The renegades used the permissive characteristics of inversion of the current laws of the period, constructing their just and perfect worlds, in order to make such inversions conventional after the Ash Wednesday. It is in this environment that professional transvestism is born, which over time organized themselves to the point of participating among themselves in competitive contests and shows. In order to weave these events, we have contributions from literatures that deal with the content of this essay, in addition to, James Naylor Grenn (2000), the contributions of Bakhtin (1987), Brígida (2010), Dutra (2014), Ferreira (2005) , Louro (2001) and Preciado (2011), among others were of paramount importance. Thus, this investigation is justified in view of the fact that we seek to highlight a theme that is still shyly moving in the academic universe, since the discussion about it is urgent for an egalitarian society.

WORDKEYS

Transvestites; Carnival; Dances; Costumes; Rio de Janeiro





ABRAM ALAS PARA O CARNAVAL DE OUTRORA: ASPECTOS IMPORTANTES PARA UMA RENOVAÇÃO.

*Características lúdicas, artísticas alegres e espontâneas.
Mikhail Bakhtin*

Não podemos negar que os mistérios em torno da origem da festa alegre e profana tem várias vertentes, para alguns o carnaval em seus primórdios era um festejo de agradecimento as colheitas, para outros uma festa de classes, já outros o defendem como uma invenção cristã e do burgo europeu do século XIX. Porém, o que não se pode negar é que o carnaval é a maior manifestação de alegria do planeta até os dias atuais. De acordo com Bakhtin (1987) as festas carnavalescas aconteciam em oposição a outros tipos de cerimônias, com intenções inversas, sérias. O autor seguedescrevendo o carnaval como uma cultura de aspectos básicos, com sua natureza nas culturas populares da Idade Média e do Renascimento europeu. Aduz que o evento apresenta características lúdicas, artísticas alegres e espontâneas, o que a referencia e a consagra como apresentação festiva ou festa.

Além disso, o autor afirma que “O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média” (BAKHTIN, 1987, p.07).





Figura 1: simbólica das origens carnavalescas, Europa XIX.

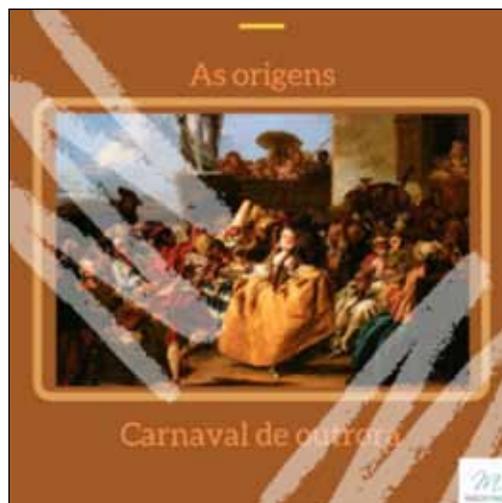


Foto: Arquivos da web.

De acordo com Ferreira (2005), que vai de encontro aos pensamentos do autor citado a cima, em que o festejo carnavalesco é composto de um conjunto de histórias que se refere ao modo de vida ou aos costumes da vida no centro urbano, histórias muita das vezes estranhas, grotescas, divertidas, alegres e que para Bakhtin, de subversão da cultura oficial, por tanto se tornando como carnavalizada.

São essas histórias estranhas, divertidas e grotescas que fizeram com que Bakhtin começasse a imaginar a cultura popular como oposto da cultura oficial apresentada pelo Estado e a Igreja, como algo ligado à inversão, ao exagero, à caricatura, ao humor. A esse conjunto de comportamentos ele deu o nome de “carnavalização”. (Ferreira, 2005, p. 23).

Contudo, a diversidade de classes e a alegria dos festejos carnavalescos também são observados por Dutra (2014), ele descreve que a “carnavalização” procede do carnaval e suas ascendências trazem à memória a Antiguidade Clássica, isso é a Grécia e Roma. Nesses dias de festa, de estilo europeu, a





ordem social e as hierarquias vigentes eram transformadas, fazendo com que houvesse uma relação da verdade e do poder dominantes, e dentro da rotina cotidiana, alguns modos, jeitos e trejeitos que era considerado dentro da normalidade durante os outros dias do ano fosse falsificado festivamente durante esses festejos carnavalescos na cidade do rio de Janeiro.

A carnavalização é uma das vias porque esta inversão de valores se dá. Este conceito é, na teoria de Mikhail Bakhtin, um dos principais estudiosos da carnavalização, oriundo da obra literária de François Rabelais que, segundo ele, uniam à cultura popular, especificamente sob a forma de festividades populares como o carnaval (DUTRA, 2014, p.127).

O mergulho nas inversões, lúdico e festivo nas brincadeiras dos foliões, no início, acontecia pelo uso de máscaras, pois, elas embaraçavam quem encarava os mascarados, além de esconder a identidade social e pessoal do folião, fazendo-as imaginar quem pudesse ser e o que representavam na sociedade. O resultado imediato dessa dúvida era o riso através da ridicularização do que era considerado imutável e definitivo, uma vez que o carnaval propõe a renovação da sociedade e do mundo (DUTRA, 2014).

Os deboches, a ridicularização, os avessos em terras cariocas.

*ATENÇÃO Mendigos, desocupados, pivetes, meretrizes, loucos, profetas, esfomeados e povo de rua: tirem dos lixos deste imenso país restos de luxos... Façam suas fantasias e venham participar deste grandioso BAL MASQUÉ³.
Joãosinho trinta⁴*

³ BalMasqué- do francês, baile de máscaras, também conhecido como baile à fantasias

⁴ João Clemente Jorge Trinta: Joãosinho Trinta, 23/11/1933 - 17/12/2011, São Luís do Maranhão. considerado o maior carnavalesco do carnaval brasileiro. Para os historiados da área, ele é o artista que revolucionou o carnaval.





A história das festas carnavalescas em solo brasileiro remonta a trajetória dos marginalizados, dos periféricos, dos pretos, imigrantes, travestis e pobres dos morros e favelas do rio de janeiro, que com muita luta foram ganhando espaço em encontros clandestinos, em dado momento ilegais. Ridicularizados e renegados, persistiram e conquistaram seus espaços com muita dor e sangue. Também utilizaram os festejos carnavalescos, como outras manifestações, para ironizar, inverter os papéis de forma grosseira e cômica. Temos vários quesitos resistência, assim podemos chamar, mas, um bom exemplo disso é o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira e sua dança (Figura 2: Simbólica dos casais de Mestres-salas e Portas-bandeiras).

Figura 2: simbólica dos casais de Mestres-salas e Porta-bandeiras nas décadas de 1970 e 1980, das escolas de samba do Rio de Janeiro.



Foto: arquivos da web.





Desde muito tempo e na ambiência carnavalesca atual, o casal é o maior símbolo de importância em uma Escola de Samba. O par de enamorados, dançarinos, exercem a função de conduzir e apresentar o pavilhão (bandeira) da agremiação na quadra de ensaios, eventos em que a Escola seja convidada, em shows, e a apresentação principal que é durante o seu desfile, na acirrada disputa no Sambódromo, nos dias de carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Uma demonstração de conquista ao longo do tempo, através da inversão original. As origens do casal e da sua dança nas Escolas de Samba carioca vem de adaptações, transformações e variações, partindo de elementos apropriados já existentes em outros movimentos já estruturados da cultura do carnaval burguês, de forma cômica e grosseira, como explica Brígida:

Se recuarmos um pouco nessas narrativas descortinaremos a cena de escravidão de um Brasil colônia onde os negros aprendiam gestos cortesões, elegantes e delicados para cumprirem suas tarefas como serviçais nos bailes da corte, (...) além da coreografia nobre dos casais dançando minuetos. Ao retornarem as senzalas, caricaturavam, ridicularizando e debochando de seus comportamentos ensaiados, utilizando para esta performance movimentos de rituais afro incluindo alguns gestos da capoeira. (BRIGIDA, 2010. p. 3).

No campo da resistência atual, e costurando com a ridicularização apresentada por Brigida (2010), travestis tiveram e ainda tem um caminho árduo para se firmarem e demonstrarem suas aptidões artísticas e desfilarem suas coloridas e brilhantes criações. As alegres e livres formas de cantar e dançar, se manifestar e de se fantasiar, em especial, um costume peculiar em que os homens se travestiam com roupas de mulheres, fazendo imitações dos gestuais de forma cômica e grosseira era habitual. Até aí,





tudo em pleno acordo com o formato enraizado dos festejos momesco, porém, traziam a falsa impressão de que havia uma convivência pacífica entre os heterossexuais e homossexuais. Os cortejos de homens (Figura 3: Simbólica de héteros travestidos no carnaval), divertidamente travestidos pelas ruas nos dias carnavalescos, por muito tempo, aqui e em terras internacionais, passaram a imagem enganosa de uma convivência pacífica dos héteros com os gays. Por trás dos trajes cômicos e alegres, símbolo e representação da descontração e divertimento carnavalesco, sempre esteve escondido a forte intolerância e o preconceito. Usando a imitação com forte ridicularização e deboche feitos pelos

héteros, sendo os homossexuais proibidos e até mesmo perseguidos pelos invertidos em dias de folia.

Figura 3: simbólica de homens héteros travestidos para brincar o carnaval nas décadas de 1930 na cidade do Rio de Janeiro.



Foto: antigos Carnavais, O Globo.





Um Cortejo carnavalesco nos moldes processionais cristão, devido a grande influência das leis da igreja imperantes no maior país católico do mundo⁵, onde o homossexualismo é totalmente condenado. Em contrapartida a essa forma de discriminação, mascarada nas inversões convencionada de Momo, nos anos de 1930, A “Rainha”, como era conhecido o Antônio Setta, e um grupo de amigos, organizou um bloco carnavalesco de travestidos chamado de “Caçadores de Veados” (Figura 4), nome dado para subverter o que era normal para os preconceituosos que atacavam os *gays*. O bloco era composto em sua maioria por travestis vestidos em roupas muito luxuosas e atraiu multidões que aplaudiam com muita empolgação o bloco.

Figura 4: Figura simbólica dos Bloco carnavalesco – Os Caçadores de Veados – composto por homossexuais que lutavam pelo direito dos gays se travestirem no carnaval no final dos anos 1930.

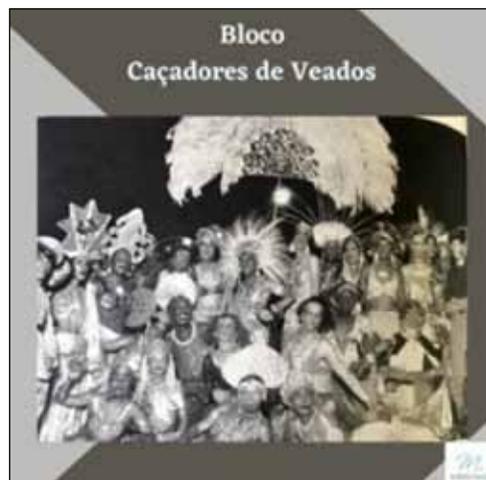


Foto: Arquivo Nacional.

⁵ Apesar de ter começado na Europa, o catolicismo está espalhado pelo mundo. O Brasil é o país com a maior população católica do mundo, representando sozinho cerca de 10% dos católicos de todo o globo, 14,1% na América do Norte, 28,4% na América Central e 57,5% vivem na América do Sul.





MADAME SATÃ: O MALANDRO DAS PLUMASE VESTIDOS BORDADOS COM MISSANGAS E PAETÊS

*Brilha João fantasiado de morcego, ganhou o vulgo de Madame Satã.
Sergio Farias⁶*

O famoso Madame Satã (Figura 5)⁷ que participou desse bloco, lembrava com entusiasmo como ele e seus amigos desfilavam com orgulho pelas ruas carioca, trajando plumas e vestidos bordados a lantejoulas, exibindo despidoradamente a sua graça feminina. Graça e nome feminino conquistado historicamente com base em uma fantasia dourada (inspirada em um morcego típico de sua cidade natal). Satã garantiu o primeiro lugar de um concurso e, após a premiação, ele foi levado para a delegacia. Porém, antes de ser liberado, o delegado exigiu saber o seu nome original. Ele se recusou a falar e foi apelidado então de Madame Satã. Para autores como Green (2000), a satisfação dele e dos outros componentes do bloco, não era menor em perceber os aplausos e o reconhecimento da beleza de seus trajes criativos e luxuosos, e do sucesso, mas sim a aceitação por eles conquistados pela sociedade:

Os foliões aproveitavam a suspensão e inversão das regras sociais estritas para praticar o travestismo e a paródia de gêneros. No caso dos Caçadores de Veados, os organizadores e participantes tanto

⁶ Sergio Farias: Carnavalesco responsável pela homenagem ao malandro travesti Madame Satã que viveu no reduto da Lapa carioca. A homenagem foi realizada pela Escola Lins Imperial no ano de 1990.

⁷ João Francisco dos Santos (25 de fevereiro de 1900/12 de abril de 1976), mais conhecido como Madame Satã, foi um transformista brasileiro, uma figura emblemática e um dos personagens mais representativos da vida noturna e marginal da Lapa carioca na primeira metade do século XX.





absorveram como fizeram uso zombeteiro dessa terminologia agressiva normalmente empregada no dia-a-dia no Brasil. (GRENN, 2000. P. 340).

Figura 5: João Francisco dos Santos, mais conhecido como “Madame Satã”.



Foto: arquivos da web.

Deste modo, travestir-se durante o carnaval no Brasil, não significava que aqueles que praticasse essa transgressão eram homossexuais ou coniventes com os *gays*. O exemplo seguinte ilustra, ao mesmo tempo, a natureza relativa da permissividade carnavalesca e as lições sociais impostas a determinado tipo de comportamento.

Em 1941 o Cordão do Bola Preta, um dos tradicionais grupos carioca que organizava carnaval de rua e de salão, decidiu satirizar o símbolo da festa, o Rei Momo. Na sua versão cômica e grotesca o Cordão do Bola Preta iria coroar a Rainha Moma, Sua Majestade Federica Augusta, a Coração-de-Leoa – um homem travestido. Mas a disciplina e a moralidade interna do Cordão deixava claro que, embora um de seus membros viesse a se vestir de mulher, o clube não permitia homossexuais nos seus quadros. A história laudatória desse grupo carnavalesco documentou essa postura de modo explícito.(GRENN, 2000. p. 340).





Um jovem boêmio de boa família solicitou sua inscrição no clube. Na checagem de endereço, um dos diretores, descobriu que o rapaz vivia em uma casa onde residia homossexuais. Ele levou a notícia aos demais membros, e alegava que o rapaz muito provavelmente também era homossexual.⁸ “De modo algum, homossexuais podiam ingressar no Bola”. Protestando contra a decisão, e para atestar sua “inocência”, contra o crime de ser *gay*, levou uma de suas garotas a uma reunião da diretoria. A menina, de forma contundente, testemunhou que seu namorado não era de jeito algum um homossexual para que fosse aceito no preconceituoso clube defensor do heterossexualismo como única forma normal de gênero. Após explicar, ele foi declarado homem normal (heterossexual) e admitido no clube para desfilar no bloco (Figura 6). (GRENN, 2000. p.341).

Figura 6: simbólica do Bloco Cordão da Bola Preta (1941), época em que o Bloco só permitia heterossexuais como sócios para integrarem seus quadros de sócios.



Foto: Antigos Carnavais, O Globo.

⁸ Em 1869, no decurso da escrita destas obras, Kertbeny criou a palavra “**homossexual**” como parte do seu sistema de classificação de tipos sexuais, como substituto do pejorativo pederasta em voga na Alemanha e na França da sua época.





O clube que abrigava o Cordão da Bola Preta, permitia a paródia de Sua Majestade Federica Augusta, a Rainha Moma, porque as regras de masculinidade eram apenas temporárias e suspensas no fim dos festejos. Um homem “verdadeiro e normal”, assim por eles definidos, podia se vestir de imperatriz para imitar uma das tradições do carnaval em forma de deboche, grosseiramente, desdenhando e diminuindo a homossexualidade; um *gay* não.

Do mesmo modo, homens “verdadeiros” podiam desfilarem fantasiados de forma grotesca, de mulher grávida, noiva ou prostituta segundo o estatuto desse grupo, pois sua transgressão de gênero era circunscrita e delimitada no tempo. A quarta-feira de cinzas restituía a ordem a um mundo virado do avesso durante o carnaval. As representações de gênero eram ordenadamente reencaixadas em modalidades predeterminadas. Um pederasta significava a desordem que imperava no resto do ano, e essa brecha no paradigma dominante simplesmente não podia ser sancionada, muito menos em grupos que se definiam heterossexuais, como o Cordão do Bola Preta. (GRENN, 2000. p. 342).

Inversões e ridicularização para discriminar, mas, também, para empoderar. Alguns grupos de carnaval de rua, como os Caçadores de Veados, incluíam e até mesmo encorajavam a participação de “bichas”, ao mesmo tempo em que os outros, refletindo as normas sociais vigentes, deixavam explícita sua política de exclusão. A iniciativa dos Caças Veados ganha novos terrenos dentro do mundo imperialista heterossexual, afinal, os gays lutavam pelo direito de serem inclusos com igualdades e não para terem um espaço segregado.

⁹ Bicha – termo usado de forma pejorativa para se referir a homossexuais. Também regularmente usado como tratamento entre os gays e pessoas que com eles tenham intimidade.





Quanto aos movimentos de liberação gays e lésbicos, uma vez que seu objetivo é a obtenção da igualdade de direitos e que se utilizam, para isso, de concepções fixas de identidade sexual, contribuem para a normalização e a integração dos gays e das lésbicas na cultura heterossexual dominante. (PRECIADO, 2011. p. 17).

Segundo Green (2000), na virada do século o Dr. Viveiro de Castro observa, no livro *Attentados ao Pudor (1978)*, que homens vestidos de mulher estavam, de forma significativa, invadindo os bailes durante os festejos dos súditos de Baco. As travestis e a transgressão de gênero, encorajadas, começam a migrar dos festejos das ruas para os espaços fechados dos bailes. Na década de 30, por exemplo, Madame Satã foi a um baile de carnaval no Teatro República¹⁰, próximo à Praça Tiradentes¹¹, onde iria participar de um concurso de fantasias organizado pelo bloco Caçadores de Veados (Figura 7). Ainda que muitos homossexuais frequentassem esses bailes vestidos de mulher para a ocasião, o evento não era promovido como uma festa de travestis. Por exemplo:

Em 1938, ano em que Madame Satã ganhou o prêmio pela fantasia que mais tarde lhe emprestaria seu nome de guerra, o jornal do Brasil publicou anúncios convidando para as quatro noites das festividades de carnaval no teatro em que ele competia. Embora os anúncios mencionassem prêmios para a melhor fantasia, não há indícios de que homens vestidos com roupas femininas competissem pelo prêmio. (GREEN, 2000. P. 343).

¹⁰ Inaugurado em 19 de maio de 1965. Foi vendido para o MEC - Ministério da Educação e Cultura em 1966.

¹¹ Localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil.





Figura 7: simbólicas de Madame Satã nos concursos de fantasias que foi vencedora em 1938, fantasiada de “Morcego” “o que lhe deu seu nome de guerra como Satã”.



Foto: Antigos Carnavais, O Globo.

Muito provavelmente, o boca-a-boca conduzia homossexuais para os lugares que aconteciam os bailes, onde eles podiam exercer com relativa liberdade seu travestismo e desfilar com suas criações, fazer suntuosas demonstrações de seus trejeitos, coreografias e maquiagens minunciosamente desenhadas. A Praça Tiradentes e os teatros à sua volta tornaram-se o lugar favorito para as festas de carnaval em que se travestir era permitido, embora não necessariamente promovido desta forma. Mas permitia uma tal visibilidade que não se tinha visto antes. Visibilidade para um contexto outro, definições, siglas, tratamentos, que estariam por vir. Silva afirma:

Durante os primeiros 50 anos do século XX, a visibilidades dos homossexuais masculinos começava a crescer. Gays já podiam ser visto, sobretudo os “efeminados”, andando pelas ruas do Rio de Janeiro e São Paulo. Desde essa época, os homossexuais são percebidos pela maioria dos brasileiros segundo uma teoria de gênero corrente em nossa





sociedade: os homens estariam divididos em homem “verdadeiro” (ativo e penetrador) e “bicha” (passivo e efeminado). Para a ciência da época, a homossexualidade seria uma desordem nas noções de papéis de gênero “apropriados”, tal como eram concebidas pelos médicos e criminologistas. Por esse motivo, a medicina, as instituições legais e psiquiátricas, a família, a igreja, e a sociedade juntaram esforços para estudar e combater (leia-se “curar”) a homossexualidade. Assim, quando não eram presos, os homossexuais eram confinados em hospitais psiquiátricos, onde sofriam “tratamentos médico-pedagógicos”. (SILVA, 2004. P. sn).

A ESTRELA DO TEATRO DE REVISTA VIRA MADRINHA DAS TRAVESTIS

*Bravo, bravíssimo, Dercy Gonçalves: O retrato de um povo
Mauro Quintaes¹²*

As travestis aproveitavam as permissividades e as transgressões nos dias de carnaval, com irreverência, faziam daqueles dias, seus dias perfeitos de um mundo ideal, com isso, os homossexuais começaram a frequentar os bailes de carnaval nos teatros próximos à Praça Tiradentes em números cada vez maiores nos anos que se seguem. Foi durante um desses bailes, realizado no Teatro João Caetano¹³, que a então estrela de revista, Dercy Gonçalves

¹² Mauro Quintaes: Carnavalesco de Escolas de samba do Rio e de São Paulo. Autor do enredo em homenagem a Dercy Gonsalves, na Unidos do Viradouro no ano de 1991. Atualmente é carnavalesco do Império de Casa Verde, em São Paulo.

¹³ O teatro João Caetano, na Praça Tiradentes, é a casa de espetáculos mais antiga do Rio de Janeiro. Inaugurado em 13 de outubro de 1813, por Dom João VI, com o nome de Real Theatro de São João, o teatro foi cenário de importantes acontecimentos históricos do país.





(Figura 8)¹⁴, encantada com os figurinos, maquiagens e a espontânea alegria das travestis, propôs um concurso de fantasias para rapazes, que deveriam vestir-se de mulher, num primeiro momento, de forma empolgada e de improvisado, mas, foi bem aceito, para a noção de moralidade da época.

Figura 8: Dercy Gonçalves a Rainha do Teatro de Revista e madrinha dos travestis e organizadora de concurso de travestismo no final dos anos 40.



Foto: arquivo Nacional.

Muitos que aceitaram o convite apareceram vestidos de baiana. A apresentação foi um sucesso. Contando com a benção de uma celebridade dos palcos, a tradição de organizar concursos de fantasias para homens

¹⁴ Dolores Gonçalves Costa, artisticamente conhecida como Dercy Gonçalves (Santa Maria Madalena, 23 de junho de 1907 — Rio de Janeiro, 19 de julho de 2008), foi uma atriz, humorista e cantora brasileira, oriunda do teatro de revista, notória por suas participações na produção cinematográfica brasileira das décadas de 1950 e 1960. Foi reconhecida pelo Guinness Book como a atriz com maior tempo de carreira na história mundial (86 anos).





travestidos rapidamente se tornou uma parte institucionalizada das festas de carnaval. O que havia começado, no início da década de 1930, com uma invasão homossexual dos espaços decididamente heterossexuais tornou-se, anos mais tarde, uma parte integrante das festividades carnavalescas. Os empresários que promoviam as festas de carnaval começaram a focar nos homossexuais para seus bailes a fantasia, sendo anunciado sua presença nos eventos e tendo o incentivo do seu comparecimento.

O desejo de alguns empresários investir nesse mercado específico devia-se, em parte, ao crescimento da subcultura homossexual no Rio de Janeiro no período posterior a Segunda Guerra Mundial, bem como à expansão econômica que ampliou o número e o poder aquisitivo da classe média. Do mesmo modo, alguns vestiam-se como mulheres não para rivalizar em beleza com as rainhas, coristas ou femmes fatales, mas antes para ironizar as rígidas regras de gênero sociais por meios de gestos afeminados, maquiagens e roupas. (GREEN, 2000. p. 346).

Além das lutas de gênero, conquista de espaço, da forma de se vestir, e de se apresentar, parte do sucesso se deu também pela beleza, detalhes e riqueza das fantasias que rivalizam com as dos melhores bailes de gente de “bem”. No entanto, a ordem, a animação, o respeito, a ausência de lutas, ou ao menos simples conflito, contrastavam chocantemente com o que se via nas ditas “Sociedades Carnavalescas¹⁵”. De acordo com Green o clima de alegria e festividade, e as características imperantes da gentileza entre os frequentadores dos bailes do João Caetano e do República. Embora todos eles estejam travestidos até nos nomes, o tratamento era sempre amável (Figura 10).

¹⁵ Sociedade Carnavalesca ou Grandes Sociedades: agremiação de cunho recreativo elitizado. Com início no fim dos anos de 1930 para a promoção de bailes desfiles durante o carnaval.





Figura 10: Simbólica do travestismo profissional dos concursos de fantasias no Teatro João Caetano na Praça Tiradentes 1957.



Foto: Arquivo o Estado de São Paulo.

OS ATAQUES MORALISTAS

A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente.

Michel Foucault

Gentileza, beleza, alegria, brilhos, luzes e fantasias não foram suficiente para livrar as travestis da hostilidade hétero que só precisava de uma fagulha para começar a destilar seus preconceitos em revolta com o sucesso por elas conquistados. A fagulha veio da revista Manchete, influente na época (1957). Na redação da revista uma mudança ocorreu na cobertura dos bailes carnavalescos de travestis. Se nos anos anteriores os jornais e revistas já haviam feito piadas e comentários levemente pejorativos sobre as travestis que frequentavam esses bailes, a reportagem sobre as Meninas do Paraíso (baile





de travestis) no Teatro João Caetano era extremamente agressiva, totalmente preconceituosa. Um Jornalista da Manchete escreveu:

Desde que a lei o permitiu, a decência foi posta de lado, realizando-se o vergonhoso e escandaloso baile da segunda feira no Teatro João Caetano, verdadeiro desfile de aberrações, ajuntamento de anormalidades e aleijões morais que deviam fazer corar as autoridades. (GREEN, 2000. p. 355).

O tom ofensivo e discriminatório do artigo revelava a rejeição de qualquer participação abertamente homossexual no carnaval, e os héteros moralistas insatisfeitos com tanta alegria e sucesso, se apegaram nas palavras escritas na revista e passaram a atacar as travestis e seus bailes, como revelado pela travesti e modelo Valéria Lander:

Valéria Lander, que participou pela primeira vez de um baile a fantasia no carnaval de 1934, lembrou a violência que era dirigida aos travestis em 1957: “E olha que não era essa facilidade de hoje... Éramos apedrejados na rua. Um horror. A gente tinha que sair do carro e entrar correndo pro baile, se não rolava pancada e o populacho destruía nossas fantasias. (LANDER, 2000).

A LUTA, AINDA, CONTINUA...

*Enfeitei meu coração/ De confete e serpentina/ Minha mente se
fez menina/ Num mundo de recordação.
Beto Sem Braço e Aluísio Machado¹⁶*

¹⁶ Beto Sem Braço e Aluísio Machado: dupla de compositores do Samba Enredo do G.R.E.S. Império Serrano, campeã do carnaval de 1982.





As buscas pelas igualdades, aceitação e respeito estão longe de cessar, mas, de acordo com Louro (2001), as chamadas “minorias” sexuais conquistaram muito mais visibilidade, o que traz a luz acirrada a luta travada, ainda hoje, com os grupos conservadores, como explica a autora:

A denominação que lhes é atribuída parece, contudo, bastante imprópria. (...) uma inferioridade numérica mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – gay, étnico, de gênero”. Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam (e recrudescem) seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física. (LOURO, 2001. p. 02).

O sucesso de uma classe artística dedicada, alegre e radiante, tiveram, e, ainda tem seus altos e baixos na luta contra falsos moralistas. Foram ganhando seus espaços nos teatros, bailes carnavalescos, e também, nas Escolas de Samba (Figura 11), onde encontraram um meio para revelarem suas criações dentro de um universo lúdico e alegre, e continuam, ano-a-ano, nos palcos da Avenida ao céu aberto, cantando e sorrindo, sambando e sorrindo, acenando e sorrindo, lutando e sorrindo, chorando e depois sorrindo, sangrando e sorrindo depois, sangrando e sorrindo sempre, em uma sociedade extremamente cruel e preconceituosa, em um país onde mais se mata homossexuais¹⁷ no mundo.

¹⁷ Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>





Um corpo que mesmo lutando, sorrindo, chorando e sangrando de maneira autêntica expressa seus desejos e vontades hora reprimido por décadas. É hora das inversões e dos invertidos via sentimento de artista, alma de sambista e desejo humanos poder assumir o reprimido trezentos e sessenta e cinco dias no ano, e, não somente nos quatro dias que antecedem a quarta-feira de cinzas.

*Salve o sentimento do artista que está na alma do sambista e
alegra o coração
Fernando de Lima, Doutor, Eli Penteado¹⁸*

Figura 11: Alex destaque de luxo da Unidos da Tijuca, Luanda Hitz destaque de luxo da Unidos da Tijuca e Suzy Brasil integrante da comissão de Frente da Unidos da Tijuca no carnaval de 2020.



Foto: arquivo pessoal.

¹⁸ Compositores do samba enredo da Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz no ano de 2003



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. SP: Hucitec, 1987.

BRÍGIDA, Miguel Santa. A Dança do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira: Performance e Ritual na Cena Afro- Carioca: VI congresso em pesquisa e pós-graduação em artes cênicas - UFPA/ICA, 2010.

DUTRA, Robson Lacerda. Literatura e Carnavalização. João do Rio e o Carnaval: um olhar para a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Org. LIMA, Jaqueline de Cassia Pinheiro & VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. Literatura e Carnavalização. Duque de Caxias – UNIGRANRIO, 2014.

FERREIRA, Felipe. O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro. RJ: Ediouro, 2005.

GRENN, James Naylor. Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp. 2000.

LOURO, Guacira Lopes, Teoria queer - uma políticapós-identitária para a educação. Estudos feministas 2001

PRECIADO, Beatriz, Multidõesqueer: notas para uma política dos “anormais”. Universidade de Paris VIII: 2011.

Notas de aula: Tópicos Especiais em Design II - Estético-políticas dos corpos/gêneros, sexualidades e subjetividades, 2020.1

LIESA. Livro Abre Alas Das Escolas de Samba. Rio de Janeiro, liesa, 2020.

LIESA. Livro Abre Alas Das Escolas de Samba. Rio de Janeiro, liesa, 1991.

LIESA. Livro Abre Alas Das Escolas de Samba. Rio de Janeiro, liesa, 1990.





SILVA JÚNIOR, Jorge Luiz da. GUEI: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 2. sem. 2004, 97 fls. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT.
fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>

